

A ADOÇÃO FILIAL EM CRISTO CONTRA O DESENGAJAMENTO MORAL

FILIAL ADOPTION IN CHRIST AGAINST MORAL DISENGAGEMENT

Dom Ricardo Hoepers

Bispo Auxiliar de Brasília

DOI: 10.64205/brasiliensis.13.24.2024.196

*Aula inaugural do ano letivo de 2024 no
Centro de Estudos Redemptoris Mater de Brasília (22 de fevereiro).*

Estamos iniciando mais um ano acadêmico e, assim, temos uma oportunidade de retomar nossos estudos com afinho e disposição interior na busca da Verdade.

Nesta experiência de mudança de época, somos convidados a focar nosso conhecimento em busca de uma maior lucidez. Diante do cenário multiforme em que vivemos, é muito comum sermos reféns de narrativas obscuras ou nos tornarmos dependentes de uma visão de mundo que não nos permite refletir. Esse processo é muito exigente, complexo e desafiador. A Filosofia e a Teologia têm um componente histórico de racionalidade e fé que contribue diretamente no progresso da humanidade.

Vejamos alguns cenários:

- O desencanto do mundo
- A prevalência e o domínio da técnica
- Despedida do cenário humanístico e religioso.

1. O desencanto do mundo

O nosso tempo aqui não nos permite aprofundar cada passo da história, mas podemos recordar que desde a revolução copernicana, a modernidade caminhou a passos largos no desenvolvimento de uma ciência que descreve e define o mundo, no tempo e no espaço, no controle de seus movimentos. Superada a linguagem do mito, afastada da religião, da teologia e da filosofia, a modernidade buscou mapear o universo com uma razão pretenciosa de controle.

No que se refere às narrações gregas e judaico-cristãs, a modernidade inaugurou uma narrativa nova para explicitar o seu domínio e poder sobre a natureza e o homem. Como diz Descartes (1986): “*maitre e possesseur de la nature*” (p.133). A ciência se torna a essência do humanismo. Essa cultura da ciência, como a juíza das relações humanas, impulsionou o Iluminismo do séc. XVIII a compreender a narrativa racional e científica como o sinal que antecipa a emancipação da humanidade da ignorância e da submissão da hierarquia dos poderosos, buscando a igualdade dos homens através da cultura e do conhecimento. Dois exemplos dessa tentativa:

- a) emancipação da alienação dos meios de produção, com Marxismo;
- b) emancipação da pobreza através do desenvolvimento industrial e mercantil, capitalismo.

Para Kant (1956), ambos buscavam confirmar uma humanidade que deveria sair do estado de minoridade e, através do conhecimento, não ter mais a necessidade de ser guiada pelos outros. Assim, o uso da razão permitia substituir as leis divinas, que regulavam a vida, e as leis matemáticas, que regulavam a consciência humana. A perspectiva era de que o homem devia ser o sujeito da história, superar a negatividade da ignorância, da miséria, da doença, da servidão em vista de uma libertação total.

Nietzsche (1965) e Freud (1993) começam a desconstruir essa perspectiva apontando que, sob a aparência de libertação total, encontra-se uma máscara que esconde um desejo de poder. Com a valorização do inconsciente, não só a razão foi subtraída, mas a consciência não é mais quem guia a vida humana, em termos racionais. Assim, aconteceram três mortificações: a primeira, da física, que demonstrou que a nossa terra não é o centro do universo; a segunda, da biologia, que aniquilou a pretensão de o homem ter uma posição privilegiada na criação e demonstrou sua proveniência do reino animal; e a terceira, da atual investigação psicológica, a qual tinha a intenção de demonstrar que o Ego (Eu) não só não é o patrão, mas tem que confiar em poucas informações no que acontece inconscientemente na sua psique.

Depois das grandes descobertas da teoria da relatividade, da física quântica e da meta-matemática, todos esses grandes conceitos se tornaram obsoletos. Mas o golpe final da desconfiança que a modernidade tinha na ciência, expressadas na lógica da razão universal, no domínio da natureza e da justa convivência da sociedade e do Estado, foi dado pelo evento nazista. Miguel Benasayag (2020) escreve: “quem pensa bem, pensa o Bem” (p. 30), dizia a modernidade. Depois da Segunda Guerra Mundial, essa frase perdeu

o sentido. Demonstrou-se que há a possibilidade de pensar, mesmo de modo excelente, o mal. A queda da confiança na razão universal colocou fim à modernidade e abriu a pós-modernidade, caracterizada, por Christopher Lasch (1984), de um relativismo cultural, em que cada cultura tem sua verdade, e de um individualismo absoluto, devido ao fato de que, sem mais nenhum ponto estável de referência, cada um assume, na medida do possível, aquilo que sente, como regra indiscutível de sua vida.

2. A prevalência e o domínio da técnica

Quando falamos em técnica, nos referimos ao universo dos meios (tecnologias) como também à razão que conduz a sua funcionalidade e eficiência. Conseguir o máximo de desempenho com o mínimo de meios. Mesmo que pareça uma simples regra operacional, esta é a maior e mais rigorosa racionalidade alcançada na história. Compartilha seu lugar com a Economia, que hospeda uma paixão humana pelo dinheiro, que não é o caso da técnica.

O primeiro critério de legalidade que a técnica modificou da modernidade é o fato de que prevê o homem como sujeito e a técnica como instrumento à sua disposição, que pode ser empregado para o bem ou para o mal, segundo a decisão humana. Pois é, isso hoje já não acontece. A técnica está inscrita por inteiro na constelação do domínio da qual nasceu e sua intenção é poder se desenvolver somente através de rigorosos procedimentos de controle, por isso, sempre em nível planetário¹. Os meios técnicos se agigantaram em termos de potência e ostentação, de modo a determinar aquela reversão da quantidade em qualidade. Da técnica como um simples meio, cujo significado era absorvido até o final, agora, porém, a técnica aumenta quantitativamente ao ponto de tornar-se disponível para realizar qualquer fim. Portanto, a técnica, de meio, torna-se fim, pois todos os objetivos e fins que o homem se propõe alcançar, só o faz através da mediação técnica.

Galimberti (2008) admite que a técnica não visa a um objetivo, não promove sentido, não abre cenários de salvação, não redime, não revela verdades:

¹ Cf. caso Elon Musk (LowCost, 2022).

a técnica apenas funciona, assim, costumamos considerar a tecnologia como uma ferramenta disponível para o homem, quando, ao contrário, a tecnologia hoje se tornou o verdadeiro “sujeito” da história em relação ao qual o homem *é* reduzido a um “funcionário” de seus aparelhos. No interior, ele deve realizar as ações descritas e prescritas que compõem sua “descrição de trabalho”, enquanto sua personalidade é colocada entre parênteses em favor de sua funcionalidade. (p. 21)

Mas a técnica não nos deu mais liberdade, ajudando-nos a realizar certos fins que antes não eram possíveis? O uso dos celulares para a relação com a administração pública, com os bancos... posso escolher ou não usar o celular ou o computador? Dentro das categorias que podemos aplicar para a técnica seria de Absoluto. Absoluto significa livre de todos os laços. A técnica não é mais a simples aplicação dos resultados científicos, mas se tornou a essência da ciência.

A ética da técnica é que se deve fazer tudo o que se pode fazer. Como explicar hoje a expressão de Maquiavel (1983): “os fins justificam os meios?” (p. 74). A técnica não está mais limitada aos laboratórios, mas se tornou coextensiva ao mundo, envolvendo experimentações com o ar, com a água, terra, flora, fauna e a humanidade inteira, mesmo sem se referir à fissão nuclear, é difícil falar só de experimento aquilo que pode modificar de modo irreversível a nossa realidade geográfica e histórica.

Hegel (1981) falava de um infinito ruim/espúrio, incapaz de irradiar um sentido último à sequência dos resultados, que uma vez alcançados, se tornam meios para outros resultados. Tudo o que se tem nos procedimentos técnicos, passa pela eficiência, funcionalidade, aceleração do tempo. Mas o ser humano, para além da racionalidade, possui uma dimensão além do racional:

a dor, o amor, a imaginação, os ideais, a fantasia, os sonhos e, para submeter-se à racionalidade técnica, tem que silenciar essas dimensões que caracterizam aquilo que faz o homem ser homem. Incapaz de despertar um pensamento espiritual, meditativo, contemplativo, a cultura da técnica nos torna capazes somente de calcular contas econômicas, contas técnicas. Essa cultura que emerge é uma radical mudança do mundo. E ainda não somos capazes de alcançar um confronto adequado com o domínio da técnica. (§§93-94, p. 275)

3. O tempo da técnica está abolindo o cenário humanístico

Para Galimberti (2023, p. 28), vemos diariamente fotos da terra e de outros planetas. Não é necessária uma bomba atômica! O desenraizamento do

homem já é fato, o que resta é uma situação puramente técnica. A Terra não é mais o único lugar em que o homem vive. Nasce aqui o conceito de *spaesamento* (desorientação ou desengajamento). A respeito de todos os tempos, a idade da técnica obriga a rever todos aqueles conceitos que trazem o nome de indivíduo, identidade, liberdade, salvação, verdade, sentido, objetivo, ética, política, religião, democracia, história, como se fosse necessário reconsiderar, medir de novo, recuperar da raiz.

Desse cenário de domínio técnico decorre uma sensação de vazio, de falta de sentido, de perda de referências. Galimberti chama-o de *spaesamento*; Byung-Chul Han (2017, 2019) chama-o de tédio profundo; Bauman (2004) chama-o de sentimento oceânico; Gilles Lipovetsky (1944) fala da era do vazio. Projetando esses sentimentos para as relações humanas, podemos falar do desengajamento moral.

Esse desgaste histórico que levou a humanidade a um desengajamento moral pode ter sua origem na reflexão neoliberal de que o homem atual não consegue adaptar-se às mudanças devido à incompatibilidade do fluxo de sua lenta evolução biológica diante do êxtase da evolução biotecnológica. Há um descompasso, uma dificuldade de se adaptar, uma tensão histórica.

Do ponto de vista da psicologia social, para Bandura et al. (2015), o homem está em crise, pois a sua adaptação no mundo busca mecanismos de adequação para manipular sua própria realidade e garantir o espaço de suas ações inadequadas: isso se chama desengajamento moral.

Bandura et al. desenvolveram o conceito de desengajamento moral, no qual tratam dos mecanismos que empregamos para justificar a prática de atos que prejudicam outras pessoas, sem que nos sintamos culpados. Usando o desengajamento moral, as pessoas conseguem se libertar de qualquer peso moral que as impeça de praticar más ações. Quando nos envolvemos em condutas prejudiciais a terceiros, antes justificamos a nós mesmos a moralidade de nossas ações, fazendo com que a conduta prejudicial a outros seja apresentada como algo valioso para propósitos morais e sociais. E, assim, o que seria reprovável passa a ser aceitável.

O desengajamento moral é sempre produzido por um conjunto de padrões de pensamento muito bem conhecidos por todos nós: a) o ser se considera especial e acredita mesmo que está acima das regras e leis; b) está sempre intencionado a obter vantagens e privilégios indevidos. Sente-se esperto e poderoso quando engana e rouba dos outros; c) não admite ser auditado ou repreendido pelas suas ilegalidades, passando a tratar a autoridade

que o encarou como inimigo ou mesmo como o “bandido” da estória; d) sua elasticidade ética cria uma série de mecanismos para transformar suas ilegalidades ou irresponsabilidades em justificativas que “devem” ser aceitas pela sociedade, pelo simples fato de ele acreditar ser uma pessoa “especial”.

Vejamos os oito mecanismos de desengajamento moral definidos por Bandura et al.:

- Primeiro: justificação moral. É a reconstrução cognitiva, a reorganização dos pensamentos, de forma a representar a transgressão como a serviço de propostas morais valorizadas. A justificação moral é também o apelo a uma lógica pragmática. Exemplo: “não há problema em agredir outra pessoa se for para defender a honra”.
- Segundo: a linguagem eufemística. É o mascaramento das atividades repreensíveis, pela forma como são nomeadas. Exemplo: “só tomei uns choppinhos antes de dirigir”.
- Terceiro: a comparação vantajosa. São as condutas prejudiciais que parecem pequenas quando comparadas com atividades mais repreensíveis. Exemplo: “eu podia estar matando, mas estou apenas roubando”.
- Quarto: a difusão da responsabilidade. Quando todo mundo é responsável, ninguém se sente realmente responsável. Lembra-se da cena do jogo de vôlei quando todos ficam esperando que alguém vá na bola, ninguém vai e a bola cai no chão? Outro exemplo: “ora, todo mundo sonega imposto de renda, Pô. Vou sonegar também!”.
- Quinto: deslocamento da responsabilidade. É ver suas ações como resultado de pressões sociais ou imposições de outros. Exemplo: “sou obrigado a roubar porque o governo não me dá emprego”.
- Sexto: distorção das consequências. É o ato de minimizar ou evitar encarar os efeitos nocivos e assumir que os fins justificam os meios. Exemplo: “fazer download de um filme pirata na internet não prejudica ninguém”.
- Sétimo: a desumanização. É quando se retiram das pessoas suas qualidades humanas ou atribui-se a elas qualidades bestiais, anulando a necessidade de respeito. Exemplo: “não estamos matando homens como nós, eles são terroristas”.
- Oitavo: a atribuição da culpa a terceiros. Ver a si mesmo como vítima pressionada a agir de forma prejudicial, ou então a ver suas vítimas como merecedoras de seu prejuízo. Exemplo: “com aquela roupa, ela estava praticamente me pedindo para ser estuprada”.

Essa queda de moralidade (discernimento) e de ética pessoal e social se diluiu em todas as estruturas que davam suporte e estabilidade nas relações sociais. O desencajamento moral nos tornou volúveis e colocou em crise todas as instituições.

Nesse cenário vivem os cristãos. Nesta instabilidade social a Igreja está presente e chamada a atuar com a defesa de seus princípios. Mesmo que muitas das religiões tenham sido absorvidas pela lógica do mercado e pelo relativismo moral, a Igreja Católica traz na sua identidade um bem precioso e fundamental para o momento histórico: a experiência da encarnação de Jesus Cristo no mundo e a perseverança de fé testemunhada pelos primeiros cristãos que perdura nos últimos dois milênios como expressão de um sentido pleno para esta vida e a vida que virá.

Assim, nas instabilidades da história, a Igreja Católica aprendeu a ser viandante, peregrina, transeunte, pois, à luz do Espírito Santo, une, com prudência, o mutável com o imutável. Diante da cultura do *Now Generation* (geração do agora), da *Generation Snowflake*, (geração floco de neve), segundo Timothy Radcliffe (2023), no livro *A arte de viver em Deus*, a narrativa cristã aprofunda a compreensão da pujante capacidade da criação para a novidade e a transcendência da limitação. São Paulo alude na Carta aos Romanos: “Sabemos que toda a criação geme e agoniza até o momento presente, e não somente ela, mas também nós, que temos as primícias do Espírito, gememos interiormente, aguardando ansiosamente, a adoção filial, a libertação de nosso corpo” (Rm 8,22-23).

4. Contra o desencajamento moral, a pertença filial em Cristo

Se a humanidade perdeu as referências de valores, perdeu a identidade do ser pelo fazer, e não encontra o sentido moral e transcendental da vida, qual é o papel da fé cristã neste contexto de predomínio da técnica, de *pensiero debole* (pensamento fraco), de desencajamento? Se o *De fine hominis* se eclipsa, é difícil falar do *De actu hominis*. Por isso, entendemos que só é possível responder a esse desafio atual a partir de uma antropologia teológica centrada no Cristo. Do conceito de pessoa, o qual é constituído seu ser em Cristo, se elabora uma consequente e coerente ética cristológica, onde a pessoa de Cristo não é uma mera justaposição a uma moral já estabelecida.

Assim, em primeiro lugar, precisamos ter a consciência de que a pessoa de Jesus Cristo não é um modelo externo a ser seguido, mas o fundamento último da existência e do agir humano. Em segundo lugar, essa moral cristocêntrica, considera decisiva a categoria de filiação, como dimensão determinante para a compreensão da sua identidade, seja de Jesus de Nazaré (Filho de Deus, Unigênito, Primogênito), seja do ser humano (filho no Filho). Trata-se de uma antropologia filial fundada em uma ética filial que se contrapõe ao *spaesamento*, ao vazio, e ao desengajamento moral, pois nos permite viver o sentido da pertença filial e, por consequência, uma moral filial. Na *Gaudium et spes* (Concílio Ecumênico Vaticano II, 1965), n. 22:

Cristo, novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime... Tal é, e tão grande, o mistério do homem, que a revelação cristã manifesta aos que creem. E assim, por Cristo e em Cristo, esclarece-se o enigma da dor e da morte, o qual, fora do Seu Evangelho, nos esmaga. Cristo ressuscitou, destruindo a morte com a própria morte, e deu-nos a vida (Cf. Liturgia Pascal bizantina), para que, tornados filhos no Filho, exclamemos no Espírito: Abba, Pai (Cf. Rm 8,15 e Gl 4,6; Jo 1,12 e Jo 3,1-2.33).

5. A espiritualidade da adoção filial

Para concluir esta exposição, gostaríamos de mencionar uma possível atitude que se deveria assumir diante desses nós entrelaçados deixados pela pós-modernidade. Real Tremblay e Stefano Zamboni organizaram uma obra intitulada *Figli nel Figlio* (2008) e parece que uma teologia moral fundamental se faz necessária para trazer uma resposta mais lúcida aos cristãos que precisam testemunhar com a vida, uma experiência da Vida que nos foi dada por Jesus Cristo.

a) *O artífice da vida filial*

A relação de amor que Deus instaura com o homem, o transforma e o torna realmente filho (Jo 1,12-13; Gl 4,4-6). Qual é a força e o evento que torna possível uma tal transformação?

O vértice da revelação cristã é constituído do mistério pascal. No cume da sua existência terrena, o Filho Unigênito se doa ao Pai na irrevogável

oferta de si, no Espírito eterno (Hb 9,14). Ressuscitado pelo amor do Pai, pela potência do Espírito (Rm 8,11), o Filho constitui o Espírito vivificante (1Cor 15,45), o último Adão que comunica o Espírito a todos os que creem nele. No mistério do amor da cruz gloriosa, o Deus trinitário se comunica ao homem pelo Espírito Santo.

Assim, o Espírito Santo é o Espírito de filiação, no qual o Pai gera o Filho na eternidade e que informa cada atitude de Cristo no curso de sua existência terrena, atitude que, portanto, vai definida como filial.

O cumprimento da relação filial acontece no mistério pascal porque é em virtude da potência da Páscoa que os fiéis são gerados como filhos para a glória do Pai, herdeiros de Deus e coerdeiros de Cristo (Rm 8,17). O Espírito habita no coração de quem crê (Rm 8,9) para que Cristo seja neles (Rm 8,10) e no Filho eles se tornem *fili in Filio* (Rm 8,14). Podemos, assim, exprimir sinteticamente a obra do Espírito no coração dos que creem, dizendo que Ele lhes enxerta a vida filial, ou seja, introduz e os conforma à relação do Filho Unigênito com o Pai.

Antes de tudo, o homem espiritual, que caminha na vida nova, é um homem interiormente unificado, não de si mesmo, mas da potência do Espírito, que, agindo nele, faz desabrochar o fruto do amor ágape. O homem conduzido do Espírito é, portanto, o homem interior, morada de Deus (Jo 14,23), em contraposição ao homem exterior, que procura a própria realização jogando-se sobre as coisas que não podem garantir estabilidade e realização da felicidade completa. Ele jamais se sente sozinho e perdido (*spaesado*, desengajado), porque sabe que, como filho, não está abandonado nem rejeitado, ao contrário, foi escolhido e abençoado pelo Pai desde a criação do mundo (Ef 1,3-10) e morador, como diz o Cardeal Newman em *Moral effects of Communion with God*: “daquela misteriosa presença de Deus que nos abraça, que está dentro de nós e ao nosso redor, que está no nosso coração, que nos envolve como se fosse um manto de luz” (citado em Maceri, 2004, p. 529). Há um profundo sentimento da Providência do Pai, que cuida de todos os seus filhos (Mt 6,25-34; 1Pd 5,7), chamando-os para a glória segundo o seu desígnio (Rm 8,28-30).

Segundo Goffi (1999, pp. 1630-1647), o homem espiritual deseja transformar-se e conformar-se a Deus para acolher em si o critério moral, pois acredita que o Espírito age na comunidade eclesial e penetra no humano, orientando-lhe para uma vida nova na caridade. Assim, mostra-se acolhedor do imprevisto, do inesperado, como a lei do Espírito que se manifesta, como a palavra de Deus ainda não totalmente manifestada, como um projeto

ainda não totalmente revelado. É uma exigência de toda vocação: dispor-se de maneira incondicionada de um filho segundo a vontade do Pai, que sabe para onde conduz os seus filhos. O homem espiritual é aquele que é aberto ao imprevisível (Jo 21,18-19 – Pedro é conduzido onde não quer ir).

b) *O respiro da vida filial*

A oração é o respiro da vida filial. No decorrer de sua existência terrena, Jesus exprime uma relação com o Pai através da oração e se tornam uma só coisa (Jo 10,30). A oração é a epifania do seu ser Filho e o respiro de sua vida de comunhão com o Pai. A nossa oração de filhos emerge e jorra da nossa identidade transmitida pelo Espírito. Essa identidade foi manifestada na oração que Jesus nos ensinou, exortando a chamarmos Deus de “Pai Nosso” (Mt 6,9-13; Lc 11,2-4). Isso nos exige, como discípulos, nos tornarmos cada vez mais filhos.

Hoje, infelizmente há uma mentalidade hostil e de ressentimento em relação à imagem do Pai. Jacques Prévost (1992) expressa bem esse sentimento: “Notre Père qui êtes aux cieux Restez-y, et nous nous resterons sur la terre” (p. 39). (Pai nosso que estais no céu, ficai onde estás e nós permaneceremos sobre a terra). Ou tem um sentimento etéreo, cósmico, do qual se pode extrair alguma energia positiva. São sentimentos frágeis da experiência da fé.

Na condição de filhos, a oração nos inspira um diálogo muito profundo. Quem reconhece, de fato, Deus como Pai, reza para acolher em si a própria vida de Deus, ou melhor, para ser acolhido na vida divina, no dinamismo do amor que subsiste em Deus. Mediante o dom do Espírito Santo, o cristão não reza como um expectador, mas faz a experiência de um diálogo que mergulha na geração da única Palavra que se mantém, isto é, o Filho. Rezar é essencialmente viver e respirar o ritmo da graça. Rezar é o fundamento e a expressão do agir filial. Ajuda-nos a discernir, purificar e iluminar a consciência de filhos, porque nos torna capazes de colocar-nos em sintonia com o diálogo do Pai e do Filho.

A estrutura da oração dos filhos deve ser concebida de modo análogo à oração de Jesus. Os filhos sabem que receberam tudo do Pai, sabem que nada de bom e de verdadeiro pode estar neles se não for dado do Alto. Portanto, os filhos oferecem-se a si mesmos totalmente. Como um inspirar e expirar constituem um único ritmo do respiro, como uma acolhida e uma oferta de Deus e de si mesmos, definem o *proprium* da oração e do agir dos filhos.

i) *A diaconia dos filhos*

A característica essencial do Filho é, segundo as suas palavras, o serviço. “Como aquele que serve” (Lc 22,27), e veio para servir e dar a sua vida por muitos (Mt 20,28). O papa Bento XVI (Ratzinger, 2005) afirma:

O servir não vem considerad-o como mais uma ação, atrás do qual subsiste, por si só, a pessoa de Jesus; vem como um fato que permeia a inteira existência de Jesus, de maneira que o seu próprio ser é puro serviço.

ii) *A koinonia dos filhos*

Aquele que é filho vem constantemente, em conformidade com o Espírito, a viver como “o primogênito entre muitos irmãos” (Rm 8,29). A unidade com o Cristo (Filho) cresce simultânea e proporcionalmente na unidade com os outros filhos. Isso significa que não somente a relação com Deus consente a comunhão com os irmãos, mas também o amor recíproco permite a relação que o homem instaura com Deus, de ser autenticamente filial (Jo 13, 34-35 – o lava-pés).

O dom da vida não pode ser um ato pontual, extrínseco a um vínculo profundo com o outro. Deve ser fundamentado naquela relação que, para Santo Tomás, pressupõe uma *communicatio vitae* (Tomás de Aquino, 1882, p. 163, II-II, q. 23, a. 1) de fidelidade e de dom na qual cada um reencontra no outro. Devemos buscar a unidade do amor vivida entre os filhos.

iii) *A martyria dos filhos*

Na origem do evento cristão, está o martírio do amor do Filho de Deus que se doa radicalmente *pro nobis*. Somos chamados, também nós, a segui-lo pelo caminho da cruz (*via crucis*). Zamboni (2005) afirma:

A fidelidade a potência de vida da cruz é chamada, porém, a dar testemunho sobretudo nos tempos em que o cristão escolhe entre a vida e a confissão da fé em Cristo. Este seguimento, vivido na fidelidade, em um tempo alargado, é chamado – quando o tempo da perseguição se torna o *kairós* para o cristão – a cristalizar-se em um só instante: aquele da oferta suprema de si pela morte. Esse seguimento se faz irrevogável: naquele momento

o discípulo de Cristo assume sobre si toda a sua vida, não para assegurá-la para si, mas para doá-la... na morte por amor se torna possível a forma completa do dom de si. (pp. 64-65)

No martírio, manifesta-se de maneira inigualável que o sentido mais verdadeiro da vida é aquele de ser dom que se realiza no doar-se (João Paulo II, 1995) e assim um insuperável cumprimento da vida filial.

iv) *Maria, ícone da vida filial por excelência*

Maria – *typus* da Igreja, modelo e arquétipo do que a Igreja completamente é – oferece antes de tudo um sinal da obediência acolhedora mediante o seu *fiat* incondicional. *Kecharitomene*, amada infinitamente do Pai e cheia da presença do Espírito, exemplo da escuta total.

A virgindade é o sinal do seu ser serva da palavra. Com sua fê virginal – que acolhe e consente a Palavra – sabendo que a Palavra vem gerada do Alto – ela mostra que aquele Filho é realmente o Filho do Pai. É o modelo da oferta de si, acolhendo em si o dom de Deus (João Paulo II, 1993). O seu *fiat* é simultaneamente filial e materno (João Paulo II, 1989).

Em Maria compreende-se a figura da “cristiformidade”, de uma existência totalmente modelada no Cristo. Maria, modelo perfeito de vida filial, é também mãe em relação aos filhos. Ela não se limita a ser um ícone a contemplar, mas colabora a plasmar o coração dos que creem segundo a forma do Filho. Exercita a sua maternidade para toda a Igreja, colocando-se ao lado de cada um dos crentes e educando-os a uma entrega confiante ao projeto do Pai, na sua mesma perseverança no seguimento do Filho, na sua mesma e total transparência à luz do Espírito, cooperando a gerar nos homens o Filho que ela mesma teve o privilégio de gerar na carne e, com o amor de mãe, o educa na fê (Concílio Vaticano II, 1996).

Referências bibliográficas

- Bandura, A., Azzi, R. G., & Tognetta, L. (Orgs.). (2015). *Desengajamento moral: Teoria e pesquisa a partir da teoria social cognitiva*. Mercado de Letras.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Zahar.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: Sobre as fragilidades dos laços humanos*. Zahar.

- Benasayag, M. (2020). *Cinque lezioni di complessità*. Fondazione Giangiacomo Feltrinelli.
- Concílio Ecumênico Vaticano II. (1965). *Constituição Pastoral Gaudium et spes, sobre a Igreja no mundo atual*. https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html
- Concílio Ecumênico Vaticano II. (1996). *Constituição Dogmática Lumen Gentium*. Vozes.
- Descartes, R. (1986). Discurso sul metodo. Em *Opere: Vol. I*. Laterza.
- Freud, S. (1993). Introduzione ala psicoanalisi. Em *Opere: Vol. VIII*. Bollati Boringhieri.
- Galimberti, U. (2008). *La morte dell'agire e il primato del fare nell'età della tecnica*. Alboversorio.
- Galimberti, U. (2023). *L'Etica del viandante*. Fondazione Giangiacomo Feltrinelli.
- Goffi, T. (1999). Uomo spirituale. Em *Nuovo Dizionario di Spiritualità* (pp. 1630–1647). Pauline.
- Han, B.-C. (2017). *Sociedade do cansaço*. Vozes.
- Han, B.-C. (2019). *Hiperculturalidade, cultura e globalização*. Vozes.
- Hegel, G. W. F. (1981). Enciclopedia delle scienze filosofiche in compendio. Em *La scienza della logica*. UTET.
- João Paulo II. (1989). *Carta Encíclica Redemptoris Mater sobre a Mãe do Redentor*. Paulinas.
- João Paulo II. (1993). *Carta Encíclica Veritatis Splendor* (2º ed). Paulinas.
- João Paulo II. (1995). *Carta encíclica Evangelium vitae sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana*. Paulinas.
- Kant, I. (1956). Rispondere alla domanda: Che cos'è l'illuminazione? Em *Scritti politici* (pp. 141–149). UTET.
- Lasch, C. (1984). *L'io minimo. La mentalità della sopravvivenza in un'epoca di turbamenti*. Feltrinelli.
- Lipovetsky, G. (2013). *A era do Vazio: Ensaios Sobre o Individualismo Contemporâneo*. Edições 70.
- LowCost. (2022, maio 18). *Visionário da tecnologia: Elon Musk e suas contribuições para o mundo*. LowCost. <https://www.lowcost.com.br/2022/05/18/visionario-da-tecnologia-elon-musk-e-suas-contribuicoes-para-o-mundo/>
- Maceri, F. (2004). Fiducia nella Provvidenza e procreazione responsabile. Riflessioni a proposito di um inciso della Gaudium et spes. *Rassegna di teologia*, 45(4),

529–544.

Machiavelli, N. (1983). Il principe. Em *Il principe e Discorsi sopra la prima deca di Tito Livio*. Feltrinelli.

Nietzsche, F. (1965). La gaia scienza. Em *Opere: Vol. V*. Adelphi.

Prévert, J. (1992). *Oeuvres Complètes: Vol. I*. Gallimard.

Radcliffe, T. (2023). *A Arte de viver em Deus*. Paulinas.

Ratzinger, J. (2005). *Introdução ao Cristianismo*. Loyola.

Tommaso d'Aquino. (1882). *Opera omnia, iussu impensaue Leonis XIII.*

P.M. edita. Pars secunda secundae Summa Theologiae a quaestione I ad quaestionem LVI (Vol. 8). Romae Typographia Polyglotta.

Tremblay, R., & Zamboni, S. (Orgs.). (2008). *Figli nel Figlio: Una teologia morale fondamentale*. EDB.

Zamboni, S. (2005). Martirio e vita morale. *RTM*, 37, 64–65.